



Ambasciata d'Italia
MAPUTO

30. 7. 1992

409

MAPUTO, -----

MESSAGE N° -----

FAX-FROM: AMBASCIATA D'ITALIA - MAPUTO

FAX- TO: 'Comunita' S. Egidio - Roma

ATT: Don Matteo Zuppi -----

OBJECT: Invio articoli -----

REFERENCE: VS richiesta -----

DESDE QUE A RENAMO ACEITE AS GARANTIAS

NADA OBSTA QUE SE ALCANCE ACORDO DE CESSAR-FOGO EM ROMA

— Presidente da República ao receber ontem a comunidade muçulmana

O Presidente da República, Joaquim Chissano, reafirmou ontem, no seu gabinete de trabalho, em Maputo, ao receber 52 representantes de 13 confrarias e associações muçulmanas de Maputo, que nada obsta que no próximo dia 4 em Roma durante o seu encontro com o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, se alcance o cessar-fogo prático e ulterior assinatura de uma Acordo Geral de Paz, já que as garantias físicas e políticas reivindicadas pelo movimento armado foram aceites pelo Governo de Moçambique.

NOTÍCIAS

DEL 30. 7. 1992

1/3

NUMERO DELLE PAGINE INCLUSA LA PRESENTE

TOTAL OF PAGES THIS ENCLOSED

IN CASO DI TRASMISSIONE IMPERFETTA O ILLEGGIBILE,
PREGHIAMO CHIAMARE IL NUMERO TELEFONICO

IN CASE OF DISCONTINUED OR UNREADABLE TRANSMISSION,
PLEASE CALL PHONE NUMBER

MAPUTO - 00258/1/492227-492229

NOTÍCIAS DEL 30. 7. 1992

Chissano retorquia à mensagem de apelo à flexibilidade, tolerância, compreensão e confiança mútua entre as partes envolvidas nas negociações de Roma, tendo como ponto de referência o encontro internacionalmente veiculado pelos "mass media" consubstanciando informações cedidas pela mediação na capital italiana.

Fiéis muçulmanos da Associação de Socorros Mútuos Anuaril Isslamo, Associação Afro-Maometana, Comunidade Mahometana de Maputo, Confraria Bezme Tabligh Isslamo, Masjide Nuro e das Mesquitas de Allamo Akbar, Kuwalit Isslamo, Baraza, Kadria, Chadulia, Itifaki, Matola e Aeroporto juntaram-se assim às preces dirigidas em distintas ocasiões em todo o território nacional a Allah para a eliminação das causas que estão a catalisar o crescendo da guerra no campo de batalha e as divergências emergentes na mesa das negociações de Roma.

Numa profícua explanação em que também estiveram presentes altas figuras do Governo — entre as quais os Ministros dos Negócios Estrangeiros, Pascoal Mocumbi, na Presidência, Feliciano Gundana, da Informação, Rafael Maguni, e da Justiça, Ossumane Ali Dauto — o orador esclareceu à audiência visitante que muçulmanos da Ilha de Moçambique, Lumbo, Niassa, Moma, Pemba, Nampula, Maputo e Gaza já o haviam abordado em digressões anteriores procurando saber o actual estágio das conversações de paz. Em todas as ocasiões esses fiéis manifestaram a sua solidariedade em relação aos esforços do Governo e do Presidente da República na busca da paz almejada.

"O que dizem na vossa mensagem representa o sentimento dos moçambicanos do país inteiro", sublinhou Chissano.

A VERDADE ACIMA DE TUDO

O Presidente da República frisou que sempre fez questão de dizer a verdade e não permitir que os cidadãos sejam enganados. Qualquer moçambicano é livre de emitir publicamente o juízo que quiser, mas não se deve permitir que os factos sejam deturpados.

Disse entender muito bem que o Governo e a Renamo vão fazer mais um esforço para ver se a paz pode vir imediatamente.

"A meu nível sempre pensei que o

encontro com o líder da Renamo só poderia ocorrer quando os resultados conduzissem à paz ou pelo menos ao cessar-fogo. Isto é que é o mais importante, porque as questões políticas vão ter que ser discutidas internamente, em paz e democracia", afirmou o Chefe do Estado.

Reafirmou que o Governo entende que a participação do povo deve ser

directa e indirecta na gestão do poder: a primeira aconteceu quando da revisão da actual Constituição vigorando desde Dezembro de 1990, que criou condições para que houvesse eleições por forma que os cidadãos se agrupassem de acordo com as suas afinidades políticas e tomarem posições que poderão ser discutidas nas assembleias para sua

incorporação em leis.

"E para isso é preciso que se organizem eleições livres, justas, portanto, democráticas, em que cada moçambicano esteja ciente do juízo opinativo para escolha do seu representante", explicou Joaquim Chissano sobre a participação indirecta num fórum democrático.

Repisou que não são apenas aqueles que têm armas na mão que vão fazer valer as suas opções ou que um grupo específico imponha a todos os moçambicanos a sua maneira de fazer as coisas.

GARANTIAS JÁ ESTÃO DADAS

No concernente ao seu encontro com o líder da Renamo, confirmado para 4 de Agosto em Roma, o Presidente da República recordou que no dia 19 passado avistou-se com o seu homólogo do Zimbabwe, Robert Mugabe, e do relatório recebido da reunião de Gaborone entre este estadista, o seu par do Botswana e Afonso Dhlakama, a análise indicou que "há fortíssimas possibilidades de sucessos na cimeira de Roma".

"Ele (Dhlakama) queria garantias de que não seria morto, perseguido, assim como aos seus homens. Queria garantias de que os seus homens estariam livres de exercer as suas actividades políticas em paridade com outras formações. Queria garantias de que o seu partido poderia instalar-se e operar em Moçambique. Mas queria ainda que estas garantias todas fossem dadas por mim e consubstanciadas por lei", apontou Chissano quanto às exigências da

2/3

Renamo para a evolução da pacificação de Moçambique.

Pronunciando-se a este respeito, o Chefe de Estado exprimiu a sua óptica: "vou com espírito tranquilo para Roma, porque sei que não são garantias dadas por mim, mas pelo povo moçambicano, que quer paz, harmonia e tolerância".

Elucidou que a reconciliação só é compreensível quando é global, não forjada em termos partidários ou estruturais.

"Isto é, cada moçambicano que tiver perdido um familiar durante esta guerra precisa de fazer um apaziguamento no seu coração para tolerar e perdoar aquele que pode ter sido o autor do desaparecimento físico do seu ente. Se os nossos corações não se abrirem para acolher a reconciliação, a guerra não vai parar, porque irá reinar a vingança", apelou Chissano.

SANEAMENTO DE DIVERGÊNCIAS MILITARES

Acrescentou que a garantia não depende somente do que está contido no papel, mas nos nossos corações,

onde deve formar-se um espaço reservado para a boa fé e a confiança.

"Oxalá que ele (Dhlakama) as aceite", desejou Chissano, ao mesmo tempo que destacou que o encontro de Roma com Dhlakama não difere do exercício que está a ser conduzido pelas partes intervenientes no processo de negociações na capital italiana.

Revelou que na próxima terça-feira, para além dele próprio e do líder da Renamo, estarão presentes o Presidente Mugabe e os mediadores, tendo depositado esperança para que esta semana sejam ultrapassadas as divergências sobre questões militares, visto que isso vai permitir que seja facilitada a tarefa do encontro da paz imediata, visto que "no dia do encontro haverá um clima propício para a sua implementação".

Isto leva à inferência de que concluído o debate destas questões entrar-se-á na elaboração do esquema para o cessar-fogo prático e depois a assinatura do Acordo Geral de Paz, já que as garantias estão dadas pelo povo, através do Governo, à Renamo.

Antes dos trabalhos, a leitura dos trechos do Alcorão foi protagonizada por Taboo Ali e a mensagem da comunidade muçulmana por Taju Ambasse, Presidente da Associação de Socorros Mútuos Anuaril Isslamo.

Entretanto, o MONAMO, Partido Moçambicano da Social Democracia, saudou Joaquim Chissano e Afonso Dhlakama e exortou-os "ao sucesso desta nobre missão de fraternidade e reconciliação". Moção de apelo similar também chegou à nossa Redacção, expressando confiança da Comunidade da Igreja Evangélica Luz de Moçambique no alcance da paz como resultado do encontro Chissano-Dhlakama.

30. 7. 1992

DEL

NOTÍCIAS

3/3